

O MITO DO GAÚCHO E SUA DESCONSTRUÇÃO EM O CONTINENTE: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ

Claudia Raquel Wagner¹

RESUMO:

A figura mitológica do gaúcho herói teve um importante papel na formação identitária do povo rio-grandense. Com base na teoria do psicólogo Erich Fromm se fará uma abordagem crítica sobre o sucesso da ascensão deste ser mitológico entre o povo gaúcho. Este artigo procura analisar as raízes da construção da imagem do gaúcho herói na literatura do século XIX e sua posterior desconstrução por autores do regionalismo. Para esta análise, focaremos o personagem Capitão Rodrigo Cambará, no romance de Erico Verissimo, *O Continente*, pelo fato de o autor conseguir imprimir, neste personagem, as duas facetas do gaúcho: a do ser mitológico, afastado da realidade e a do ser humano, mais próximo dela.

Palavras-chave: Gaúcho. Identidade Cultural. Capitão Rodrigo Cambará.

RESÚMEN:

La figura mitológica del héroe gaúcho tuvo un papel importante en la formación de identidad de la gente de Río Grande. Sobre la base de la teoría del psicólogo Erich Fromm se analizará de forma crítica la subida de este ser mitológico entre el pueblo gaúcho. Este artículo analiza las raíces de la construcción de la imagen del héroe gaúcho en la literatura del siglo XIX y su posterior deconstrucción de los autores del regionalismo. Para este análisis se centrará en el personaje del capitán Rodrigo Cambará, la novela de Erico Verissimo, *el continente*, ya que el autor puede imprimir, este personaje, las dos facetas del gaúcho: el del ser mitológico, lejos de la realidad y del ser humano, más cerca de ella.

Palabras clave: Gaucho. Identidad Cultural. El capitán Rodrigo Cambará.

1. INTRODUÇÃO

A figura do gaúcho como herói exerceu um importante papel na formação identitária do povo do Rio Grande do Sul, apesar de ter sido criado pela literatura, que, para isso, embasou-se em um modelo ficcional do romantismo, ao invés de se inspirar no homem que vivia nos pampas do século XIX – época em que surgiu esse mito. Esse trabalho objetiva investigar os motivos da importância desta figura mítica no inconsciente social do povo gaúcho. Além disso, procura-se mostrar, neste

estudo, como esta imagem também pode ser desconstruída pela literatura regionalista. Para analisar o mito na cultura popular gaúcha, utilizou-se a teoria do inconsciente social do psicólogo Erich Fromm. Neste artigo, será analisado o personagem Capitão Rodrigo Cambará, em *O Continente*, de Erico Verissimo. A escolha da análise do personagem Cap. Rodrigo Cambará se deve ao fato de ele ser uma das figuras que mais se aproxima desse ideal heroico no romance. Por outro lado, também se percebe uma desconstrução do mito ao longo do romance, uma vez que este personagem toma determinadas atitudes que muito se distanciam do código de honra continentino.

2. A CRIAÇÃO DO MITO DO GAÚCHO HERÓI

Observa-se que ao longo da História o sentido da palavra *gaúcho* passou por profundas transformações. Sobre a origem da palavra *gaucho* Barbosa Lessa afirma que, por volta de 1777, ocorreu o primeiro registro da palavra *gauche*, documentado pelo doutor José Saldanha em seu diário: “palavra espanhola usada neste país para designar os vagabundos ou ladrões do campo que matam os touros chimarrões, tiram-lhes o couro e vão vender ocultamente nas povoações” (SALDANHA apud LESSA, 2000, p. 86). Mais tarde, conforme Sergius Gonzaga (1980), estancieiros, motivados pela necessidade de mão-de-obra especializada no manejo de gado e na lide campeira, passaram a incorporar esses *gauchos* nas suas estâncias. Com o passar do tempo, esse vocábulo também passou a ser empregado para designar os demais trabalhadores da estância: peões, diaristas...

Contudo, como afirmam Angelise Silva e Pedro Santos (2005), a modificação radical do significado da palavra *gaucho* foi obra da literatura, tendo a História servido como um pano de fundo para a criação mítica do personagem gaúcho². Para esses pesquisadores, essa literatura estava muito arraigada em modelos românticos/europeus, criando personagens com inspiração europeia. Prova disso, são os personagens de Caldre e Fião e de Apolinário Porto Alegre, que serviram para modificar o sentido pejorativo do gaúcho e transformá-los em “monarcas da coxilha”, homens corajosos, leais e libertários.

Era um gaúcho que se importava com suas leis, puro de caráter e que não se corrompia a cidade. Esse gaúcho era um homem de palavra, com habilidades no campo, do qual tirava o seu sustento, um homem de vida simples, que herda de seu berço todos esses seus valores. Daí a idéia de “Monarca”. Essa forma de ver o gaúcho identifica o espírito romântico de quem o descrevia, bem como a oligarquia vigente no sul (SILVA e SANTOS, 2005, p. 3).

Na visão de Tau Golin, o tradicionalismo deu ainda mais força ao mito do gaúcho, que foi criado pela literatura. A crença de que os Centros de Tradição Gaúcha fossem guardiãs do passado heroico do gaúcho, contribuiu para que esse ser mítico fosse um ser coerente com a história. Essa figura, a qual as pessoas se identificam erroneamente, serve de padrão para construir uma identidade rio-grandense até hoje:

Em todas as áreas, do lazer ao conhecimento, da música às artes plásticas, o ser inventado se impôs como o ser da *coerência histórica*. O último resquício tradicional, representado pelos campeiros, devido à incultura, acabou por aderir ao padrão citadino de gaúcho. Em um movimento cultural que como tantos poderia ser apenas um embuste, os tradicionalistas foram além e criaram uma cultura em cujo epicentro se posicionaram como os *herdeiros protótipos* da identidade rio-grandense (GOLIN, 1995, p. 92-93).

A partir dessa crença que já persiste por tanto tempo, se entende o motivo pelo qual o gaúcho se tornou, conforme balanço de Luiz Marobin (1985, p. 32), “uma atitude mental, um esquema psíquico, que atua no subconsciente”. Segundo este autor, os gaúchos, independente de suas diferenças são levados por um sentimento interior de unidade, que os distingue dos demais habitantes do restante do país.

Por outro lado, Antonio Augusto Fagundes (1995) chama a atenção para um outro olhar sobre a visão do gaúcho. Esse autor aponta para a crescente expansão do gauchismo, principalmente nos Centros de Tradições Gaúchas, onde “gente que deixou o campo recriou na cidade o *pagus* idealizado” (FAGUNDES, 1995, p. 97), não somente no Rio Grande do Sul, mas também no Brasil e no exterior, e mesmo assim, ainda, se desconhece o gaúcho que trabalha no campo, na lide do gado. É necessário chamar a atenção para essa constatação, pois há mais de um século que se criou o “Monarca das Coxilhas”, e, entretanto, é ainda essa imagem mental do gaúcho que ganha projeção na cultura rio-grandense.

3. O MITO E O INCONSCIENTE SOCIAL

Do ponto de vista da psicologia, a ascensão da figura mítica do gaúcho foi muito importante para que o povo rio-grandense criasse um padrão identitário. Os estudos de Erich Fromm (1992) mostram que a identificação de um ídolo – neste caso, o gaúcho com um ser mítico – se torna muito importante para a criação da identidade de um povo. Essa identificação se intensifica ainda mais na medida em que esta população passa por muitos traumas durante a fase de sua construção³.

Isso explica porque a criação do mito do herói foi tão importante para a cultura rio-grandense. De certa forma, esse mito ajudou a criar uma identidade e um senso de autoafirmação em um povo que, anteriormente, não tinha consciência de quem era ou a quem pertencia, devido aos vários conflitos (guerras e sucessivas mudanças no território gaúcho) e ao esquecimento das autoridades políticas – detentoras de poder e dinheiro – do centro do país. Erich Fromm observou que situações traumáticas podem motivar a necessidade de um ídolo através do fenômeno da transferência⁴. Essas circunstâncias traumáticas que abalam os indivíduos podem ser de duas naturezas diferentes; uma delas, que se refere ao âmbito externo da pessoa, pode ser causada por uma grave crise econômica, pelo desemprego, pela miséria, pelas guerras...; e, no âmbito pessoal, pode ser ocasionada pela morte súbita de entes queridos, pela sensação de impotência, de ansiedade... Nesse sentido, Fromm (1992, p. 67) explica que:

Normalmente, quando tudo vai bem, quando as pessoas estão satisfeitas com as condições de sua existência, com seu trabalho e rendimento; quando experimentam um senso de identidade ao preencherem o papel que lhe foi atribuído pela sociedade; quando podem esperar alcançar uma condição social superior etc. sua necessidade de um ídolo permanece latente. Mas, quando este equilíbrio de satisfação relativa é perturbado por circunstâncias traumáticas súbitas, a necessidade latente torna-se manifesta.

Portanto, o mito do herói surge em uma determinada cultura como um ser ao qual se deposita a expectativa de “dias melhores”, como num passe de mágica e como se toda a mudança fosse responsabilidade desse herói. Essa expectativa confere a esse ser um caráter sobrenatural. Na literatura gaúcha, atribuiu-se aos

soldados das guerras de defesa do território rio-grandense esse aspecto mítico, além disso, conforme entendimento de Marcia Alves (2005, p. 23), a exaltação dos valores do código de honra gaúcho foi essencial para que os soldados não fraquejassem diante do horror e da injustiça do poder vigente. De certo modo, em um primeiro momento, a criação da figura mítica do gaúcho foi relevante para a fundação da cultura identitária local e para a formação da literatura gaúcha. Porém, nas gerações seguintes de escritores, se reviu esta proposta de personagens fantásticos e se começou a desenvolver figuras que mostravam um lado mais próximo da realidade humana. Entre esses escritores, encontra-se Erico Verissimo, que em seu romance *O Continente*, se preocupou com a verossimilhança de seus personagens – especialmente, a figura do Capitão Rodrigo Cambará –, afastando-se dos moldes apresentados por Apolinário Porto Alegre e Caldre Fião.

4. CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ E A DESCONSTRUÇÃO DO MITO

Na opinião de Luiz Marobin (1997), uma das imagens criadas por Erico Verissimo, que mais se aproxima do mito do gaúcho heroico – embora essa não tenha sido a intenção do autor – é a do Capitão Rodrigo, pois ele surge como um monarca das coxilhas, com aspectos quase míticos. Segundo o autor, essa visão cultural, que é sustentada pelos Centros de Tradições Gaúchas, tem forte influência ainda hoje. “Esse visual externo agrada ao povo em geral. Tem administradores em todas as classes sociais. A visibilidade, o cavalheirismo, as virtudes da lealdade despertam na mocidade anseios de afirmação pessoal, de luta e de liberdade” (MAROBIN, 1997, p. 98). Para o autor, Capitão Rodrigo é um personagem fascinante, cheio de vida e de carisma que facilmente agrada a todos. Erico Verissimo apresenta esse personagem de uma forma que realmente chama a atenção do leitor, pois as primeiras frases desse personagem, no romance, são “- Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grande dou de talho!” (VERISSIMO, 2001, p. 171). Uma frase com um grave tom de provocação, de imponência e com forte disposição para a briga, ela demonstra o espírito do herói gaúcho.

Apesar de o personagem capitão Rodrigo Cambará ter sido apresentado ao leitor, no romance *O Continente*, primeiramente, como uma figura que representava

os valores do herói gaúcho, essa imagem foi, aos poucos, sendo desfeita ao longo do romance. Maria da Gloria Bordini aponta que se nota uma mitificação e uma desmitificação nos capítulos “*Um Certo Capitão Rodrigo* e *A Teiniaguá dos heróis*, que, embora ainda sejam moldados como emblemas, humanizam-se em termos de ambigüidade moral” (2004, p. 79). Marcia Alves (2005), em conformidade com o argumento explicitado acima, entende que o personagem capitão Rodrigo Cambará toma atitudes que são contrárias ao código de honra continentino, fato que acaba ruindo com sua imagem heroica.

Ao longo do romance, Erico Verissimo retrata algumas atitudes do Cap. Rodrigo que são dignas de um personagem mau caráter e que ferem o código de honra continentino, o qual preza, principalmente, pela bravura e pela virilidade dos gaúchos. Dentre as atitudes desonrosas deste personagem está a infidelidade à mulher Bibiana, pois ele a trai com inúmeras mulheres; nem mesmo o fato de sua mulher estar grávida o faz parar, mas, pelo contrário, parece que a “deformação” de seu corpo, pela gravidez, o instiga a procurar outras mulheres (VERISSIMO, 2001).

Outro comportamento que contraria os princípios do gaúcho heroico é sua aversão ao trabalho e seu apego ao jogo. Rodrigo Cambará paga um preço alto por seu apego a este vício: o remorso da culpa pelo abandono da filha quando esta está sucumbindo a uma grave doença. Embora o personagem chore – uma atitude reservada às mulheres e às crianças, conforme esse código de honra –, demonstrando fraqueza (fruto de seu remorso pela morte da filha), mesmo assim, suas atitudes não mudam, uma vez que fazem parte de sua índole de homem livre. No final, o excesso de confiança em si mesmo faz com que esse personagem arrisque sua vida em uma batalha na casa do coronel Amaral, seu arqui-inimigo, onde uma bala o fere de forma letal (VERISSIMO, 2001).

Essa desmitificação do “Monarca das Coxilhas”, segundo Luiz Marobin, é uma tendência da literatura do século XX e XXI, pois esse gaúcho está sofrendo as

transformações da época e tende a inserir-se, mais e mais, no seio da brasilidade... Perdura o mito, a encarnação da força, da valentia, do dinamismo, mas desapareceu a mistificação, a falsidade de uma exaltação que carece de base na realidade. O tipo do gaúcho evoluiu, enriqueceu-se de novos elementos. É o que aparece, com evidência, nas obras literárias do Rio Grande do Sul (1985, p. 33-34).

Essa mudança de perspectiva da visão do herói gaúcho, em *O Continente*, está intimamente ligada à visão crítica de Erico Verissimo sobre a abordagem historiográfica idealizada do Rio Grande do Sul. A historiadora Mara Rodrigues escreve que os livros didáticos e a literatura contribuíam “com uma visão idealizada da história do estado, mascarando a violência, a opressão dos heróis sanguinários contra uma população subjugada” (2006, p. 292). O autor de *O Continente* queria que seu romance apresentasse a História do Rio Grande do Sul da forma mais próxima possível da realidade⁵, retratando personagens com características humanas e não sobrenaturais como eram atribuídas às figuras desses heróis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, principalmente no século XIX, criou uma figura mitológica do gaúcho, que ganhou notoriedade e se espalhou pelo estado do Rio Grande do Sul, incentivada, principalmente, pelos movimentos tradicionalistas. Porém, essa imagem ainda continua sendo vendida pelos meios de comunicação e pelos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), pois ela ainda figura no inconsciente social do povo gaúcho. Porém, como destacou Luiz Marobin, a tendência da literatura, ao longo dos anos, foi a de desmitificar essa imagem do gaúcho herói, na tentativa de atenuar esta atmosfera de exaltação deste gaúcho, que não se sustenta na realidade.

Essa tendência foi impulsionada pela preocupação de escritores como Erico Verissimo, que não se conformaram com a historiografia idealizada, tanto na literatura como nos livros de História. A desconstrução do mito do gaúcho pode ser percebida no romance *O Continente*, com a representação de um dos personagens mais conhecidos de Erico Verissimo: o cap. Rodrigo Cambará. Rodrigo Cambará é mostrado, primeiramente, com imponência ao leitor, entretanto, ao longo do romance, o autor apresenta outra face deste personagem – que nada tem a ver com os valores dos gaúchos continentinos – fato que afasta a aura mitológica deste personagem, agora visto mais próximo possível de um ser humano e mais distante do ser sobrenatural retratado nos primórdios da literatura gaúcha.

REFERÊNCIAS

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: *RS: cultura e ideologia*. DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. (Orgs.) Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

ALVES, B. M. *Tratado das gentes d'o Continente por uma definição da identidade gaúcha*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgletras/defesas/2005/MarciadeBorbaAlves.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2010.

BORDINI, Maria da Glória. O Continente: um romance de formação? Pós-colonialismo e identidade política. In.: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FAGUNDES, Antônio Augusto. E o gaúcho, morreu? In.: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto. (Coord). *NÓS, os gaúchos*. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

FROMM, Erich. *A descoberta do inconsciente social: contribuição ao redirecionamento da psicanálise*. São Paulo: Manole, 1992.

GOLIN, Tau. *Reflexos entre o gaúcho real e o inventado*. In.: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto. (Coord). *NÓS, os gaúchos*. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo: como surgiu o Rio Grande*. Porto Alegre: AGE, 2000.

MAROBIN, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos*. São Leopoldo: UNISINOS, 1985.

_____. *Imagens arquetípicas em O Continente, de Erico Verissimo*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

RODRIGUES, M. C. M. . O Tempo e o Vento: literatura, história e desmitificação. *Métis* (UCS), v. 5, p. 289-312, 2006. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/794/558> Acesso em: 02 ago. 2011.

SILVA, A. F. da; SANTOS, P. B. O mito do gaúcho e seu redimensionamento em “trezentas onças”, de Simões Lopes Neto. In: *II Colóquio Leitura e Cognição, 2005, Santa Cruz do Sul*. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/coloquios/ii/mito_do_gaucha_o.pdf Acesso em 2 ago. de 2011.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. 44. ed. São Paulo: Globo, 2001. (O Continente, vol. 1).

NOTAS:

¹ Graduação: Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - 2011. Email: crw_wagner@hotmail.com.

² Antes dessa mudança semântica, o gaúcho era visto como um andarilho, sem caráter que roubava o gado de grandes estancieiros. Essa palavra era tida como um xingamento.

³ Esse psicólogo estudou o fenômeno da idolatria na Alemanha de Hitler e concluiu que muito do sucesso do Führer ocorreu devido ao abalo social causado pela derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e pela grave crise econômica e social que a ela se seguiu.

⁴ Diferentemente de Freud, Fromm observa que esse fenômeno não é desencadeado apenas por um trauma sofrido na infância, mas pode ser desenvolvido por toda e qualquer pessoa que passa por uma situação traumática, fazendo, portanto, parte da “condição humana”.

⁵ Maria da Glória Bordini (2004) afirma que Erico Verissimo estava extremamente empenhado em seu projeto que suas pesquisas consideraram mais a sua experiência do que os manuais de História, além de fazer entrevistas com pessoas que conforme a autora “viveram a História do Rio Grande do Sul”, entretanto, sua pesquisa não afastou de todo esses manuais.